



**PhD Scientific Review**

**ISSN 2676 – 0444**

---

Submetido em: 21/01/2025 | Aceito em: 22/01/2025 | Publicado em: 22/01/2025 | Artigo

## **UMA ANÁLISE EDUCATIVA DO EMPODERAMENTO FEMININO NA OBRA A ESCRAVA, CONTO, DE AUTORIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS ESCRITA EM MEADO DO SÉCULO XIX.**

**Abraão Alves da Silva**

Licenciatura em História UEPB

Pós graduação em Libras Uniasselvi

**Inácio Fagundes Filho**

Mestre em Ciências da Educação- Universidade Santa Cruz do Sul( UNISC).

Pós graduado em fundamentos da educação-UEPB.

Licenciatura em Português-UVA- Universidade Vale do Acaraú.

Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo-UEPB.

**Joilma de Souza Ramos Fagundes**

Licenciada em Pedagogia- Faculdade Kurius

Licenciada em Letras Português e Espanhol- Faculdade Faveni

**Resumo:** As relações sociais devem ser pautadas pelo respeito, independente de questões religiosas, filosóficas, políticas e por que não tecnológicas, a liberdade como base da sociedade pós-moderna, tem por missão contribuir com cada um dos educandos em sua formação cidadã, ensinando-os a pleitear por seus direitos, ensinar-lhes também os deveres que os mesmos devem cumprir para o bom desenvolvimento da engrenagem social. O conto A escrava, de autoria da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, ao descrever a luta e os anseios de pessoas escravizadas permanece atual e digno de citação. Visto que quantas mães têm seus filhos arrancados dos seus braços por um sistema opressor. Quantos filhos precisam sair de sua terra natal para aventurarem em terras estranhas. O preconceito pautado no racismo estrutural que tem perpetuado os subempregos levando famílias inteiras a viverem abaixo da linha de pobreza. Conforme (ARENTE, 1968) De todas as liberdades específicas que podem ocorrer em nossas mentes quando ouvimos a palavra “liberdade”, a liberdade de movimento é historicamente a mais antiga e também a mais elementar. Assim constrói um duplo espaço, o do desejo, sonhos e utopias, e o da realidade, a qual na maioria das vezes é cruel, nem sempre é igual para todos, independentemente de suas origens e das escolhas de suas famílias, e o da vida privada onde cada um pode comportar – se como lhe aprouver, em conformidade com as leis da república, mesmo estando às margens da sociedade.

**Palavras-chave:** Conto, Escravidão, Leis, Sociedade, Abolicionistas, Liberdade, Valorização.

**Abstract:** Social relations must be guided by respect, regardless of religious, philosophical, political and, why not, technological issues. Freedom, as the basis of postmodern society, has the mission of contributing to each student's civic education, teaching them to fight for their rights and also teaching them the duties they must fulfill for the good development of the social machine. The short story The Slave, written by the writer from Maranhão Maria Firmina dos Reis, in describing the struggle and desires of enslaved people, remains current and worthy of mention. Given how many mothers have their children torn from their arms by an oppressive system? How many children have to leave their homeland to venture into strange lands? Prejudice based on structural racism has perpetuated



underemployment, leading entire families to live below the poverty line. According to (ARENT, 1968), Of all the specific freedoms that may come to mind when we hear the word “freedom,” freedom of movement is historically the oldest and also the most elementary. Thus, it constructs a double space, that of desire, dreams and utopias, and that of reality, which is most often cruel and not always the same for everyone, regardless of their origins and the choices of their families, and that of private life where everyone can behave as they please, in accordance with the laws of the republic, even when they are on the margins of society.

**Keywords:** Short Story, Slavery, Laws, Society, Abolitionists, Freedom, Appreciation.

## 1. INTRODUÇÃO

A luta das mulheres por oportunidades de trabalhar dignamente tem atravessado gerações, pois elas têm sido relegadas ao segundo plano, a indiferença, muitas vezes, infelizmente, ao ostracismo, no entanto há comunidades em que essas diferenças de gênero são mínimas, comunidades primitivas americanas, africanas dentre outras. Na história, humana encontram-se exemplos de rainhas que exerceram poder e liderança em sociedades matriarcais. Cleópatra, governante do Egito, é um exemplo icônico de uma mulher que reinou com habilidade e inteligência. Outras figuras históricas, como Hatshepsut (primeira mulher faraó da história, conseguiu esse título após vencer muitos obstáculos). E Isabel I da Inglaterra, também demonstrou o poder feminino em posições de liderança; Ranavalona, governante de Madagascar, além de Dilma Rousseff ex-presidente do Brasil.

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2019).

Com uma escrita cirúrgica Maria Firmina narra fatos do cotidiano vivenciados por sua geração anseios que marcaram a sociedade maranhense, em sua condição de mulher negra, mesmo sendo livre, era conhecedora das limitações que a nação lhe impunha, visto que ainda o Brasil era um país escravocrata. O pensamento da autora transcrito acima, a mesma refere-se a sua obra *Úrsula*, que traz como protagonista uma jovem branca, mas que trata bem seus criados negros, Túlio e Suzana, colocando-os como peças importantes na trama. Notamos certa ironia



nessa expressão, a qual confirmou-se na sociedade pois poucos estudantes ouviram falar dessa refinada escritora durante suas vidas escolares.

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade, e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil. O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão. — Admira-me, — disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; — faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! (Reis, 2019).

De acordo com BARROS (2014) os seres humanos só se diferenciam do resto dos animais pelo grau de complexidade semiótica. Pela qualidade da justificativa, para si mesmo e para os outros, porque se inclinam mais por esta ou aquela solução. E toda impressão de liberdade, de autonomia decisória, decorreria da ignorância sobre a origem dos próprios apetites, sobre a interação entre os afetos e produção intelectual. É esse jogo de palavra e interesse intelectual retratado no trecho de A escrava transcrito acima, ele retrata um debate entre as personagens abolicionistas e escravocratas em um baile, por isso esse conto traz visões de mundos diferentes, conforme falou Barros, e essas formas de ver o mundo influenciou a vida de milhares de pessoas, muitas ainda sofrem as consequências do tratamento que seus ancestrais passaram, pois tiveram como herança moradias nas periferias das grandes cidades.

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. (Reis, 2019).

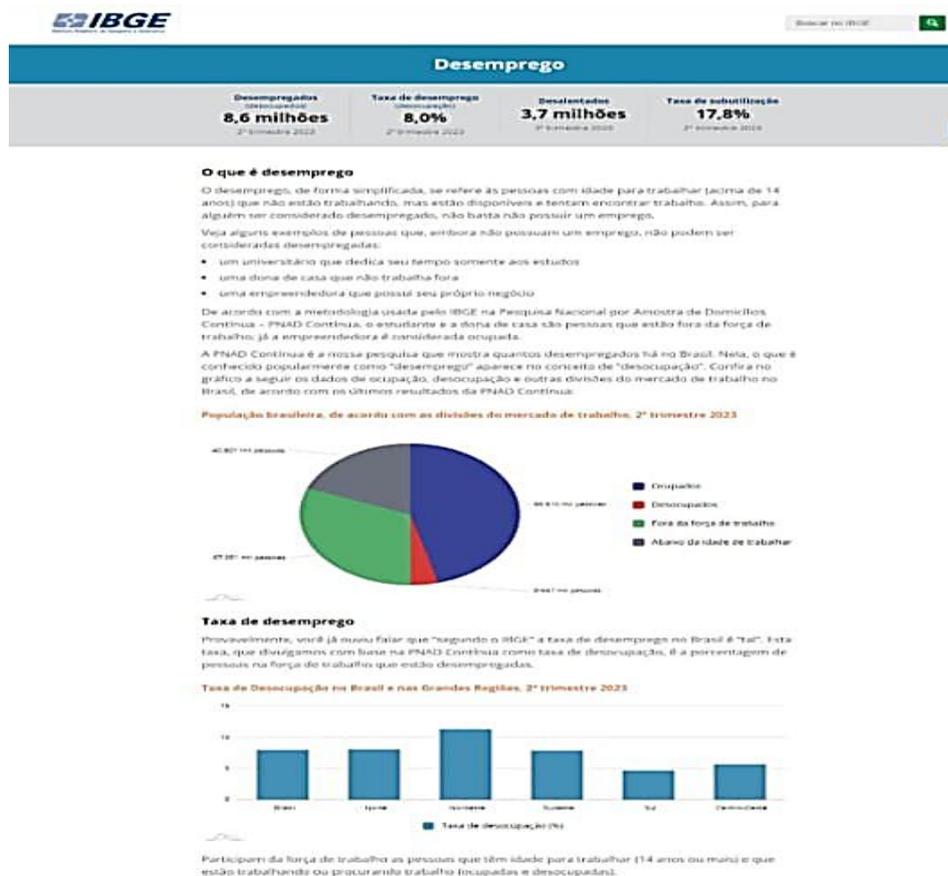
A riqueza expressiva contida nessa afirmação da Maria Firmina nesse trecho de A escrava continua atual e contundente já que vários impérios prosperaram tendo a escravidão como base de suas pirâmides social, Egípcio, Romano e Asteca. Mesmo com a abolição ocorrendo décadas após a escrita desse conto, pessoas com perfis escravocratas continuam vivendo na sociedade pós-moderna, trabalhos análogos a trabalhos escravos, tem sido descoberto em diversas regiões brasileiras, sendo o mais emblemático os da serra gaúchos recentemente.



Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente ativa e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. (Reis, 2019).

A fala pertinente da autora fundamentada em A escrava mostra-se aterradora para quem não faz parte do grupo social mencionado por ela, entretanto os números atuais confirmam tal citação. Muitos jovens brilhantes que poderiam ter tido futuros promissores, infelizmente, foram parar em valas rasas por não conseguirem furar o sistema político estrutural.

Vejamos a seguir alguns dados oficiais.



1.Gráfico fonte IBGE



Perante esses acontecimentos citados anteriormente, entende-se que Ética é um conjunto de regras que o indivíduo traça para a sua vida. Distinta, portanto, da moral; na medida em que a é determinada por máquinas óticas, ou seja, por instituições do social (família, escola, igreja, etc.). Na contramão da moral, a ética é determinada por uma genealogia de si, por um governo e um controle não da instituição sobre o indivíduo, mas do governo do sujeito sobre si mesmo. Por isso que muitos dos problemas enfrentados por parte da população brasileira atualmente tem raízes no momento histórico em que o Conto A escrava foi escrito.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, no lugar que a vi ocultar-se. (Reis, 2019).

A ética vem singularizar o sujeito, dotar-lhe de um estilo (GALLO, 1997), a moral vem para classificá-lo. A moral, diferente da ética, torna o sujeito pobre de conduta de vida, pois massifica o ser. Nota-se que se a personagem tivesse agido moralmente de acordo com os padrões morais de sua sociedade, seria apenas mais uma peça na engrenagem do sistema escravocrata, provavelmente seu nome não estaria sendo citado nas pesquisas literárias com tanta expressividade. A fuga, o lamento, o desespero da mulher escravizada pelo sistema, oprimida por homens e mulheres que se diziam cidadãos de bem, queria apenas o básico para uma mãe, cuidar dos próprios filhos e o vê crescer.

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante. (Reis, 2019).

A figura do super-homem de NIETZSCHE, aquele que tem pulsão vital, o revestimento dos corpos, sua proteção social e espiritual, o trabalho lucrativo o qual dignifica o ser humano, o movimento racionalizado fundamentado da empatia, os esforços coletivos floreos pela alteridade, são capturados dos corpos que se exerçam controle, e serão utilizados para animar



os corpos que perderam a capacidade de encontrar no devir a expressão de suas próprias forças. Situação observada no encontro entre Gabriel, jovem escravizado que procurava a mãe em fuga, e a personagem abolicionista, o rapaz já não tinha a sua potência de homem, talvez nunca a tivera plenamente, pois já nascera em cativeiro e o mesmo não tinha acesso a meios básicos para a sua existência, apenas subsistia.

Despotencializados, eles irão se alimentar da captura da pulsão vital alheia, de representações, de poder, para animar os seus corpos impotentes. Este processo acaba por gerar os Centros de Poder. Sucintamente, gozar de um corpo, como diz Lacan, consiste mais frequentemente então em demoli-lo (LACAN, 2011).

O desejo de poder foi compartilhado pelos nobres que na ânsia de conservarem o status quo oprimiam seus semelhantes sugavam suas forças vitais, deixando-os sem vontade de viver. Esses em nome de uma modernidade, baseada no sujeito-objeto tem revertiam a lógica cristã, a simplicidade, o viver em comunhão, o partir o pão, ações que cativaram imperadores a perseguirem os seguidores de Cristo, agora se colocando como seres divinos, quase santos, independente da vertente religiosa, usavam o controle sobre os outros corpos, serviram-se da despotencialização de seus servos, é como o ser impotente consegue gozar.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender. (Reis, 2019).

E esta alegria coletiva ocorre, desde o advento da globalização, em cadeias mundiais a partir de dois grandes movimentos: Concentração e Reforço, lembrando que a grande maioria dos liderados o gozo é simbólico, é no porvir, no Paraíso, enquanto isso seus representantes como o escravocrata, defensor da sua família tradicional, que apesar de um discurso de defensor da moral e dos bons costumes, alegrava-se com as punições infligidas àqueles que só queriam liberdade de ir e vir, e de receber por aquilo que produziam.

— Amanhã, – continuou ele, – hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar.



Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. (Reis, 2019).

Diante desses fatos percebe-se que (HOFFMAN, 2012, p. 46) tem razão ao afirmar que esse gozo mortal do vivente se articula no inconsciente com a pulsão de morte e seu jogo de repetição, nota-se que o sistema político prevalece em detrimento do bem comum. A angústia reproduzida nessa cena de A escrava alinha-se a afirmação do Hoffman 2012 pois uma mãe que teve seus filhos retirados à força de seus braços, tendo que trabalhar forçadamente para manter a riqueza de seus opressores, não aguentando prefere fugir, encontrar a morte ao continuar vivendo daquela forma, o mais intrigante é que o seu pior algoz, não é o branco patrão/dono, mas sim o feitor pardo, o que em uma sociedade eugenista também não teria oportunidades.

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro. (Reis, 2019).

Defendem-se a cumplicidade, porém não é para autopenitenciar em prol do povo, coisa de ressentido, mas justamente para afirmar o contrário, ou seja, manter a mesma estrutura dominante, tornando inacessível outras formas de se fazer política, continuando nas mesmas mãos a produção da estética da existência, da ética política (FOUCAULT, 2010), essa passagem mostra e sensibilidade dos abolicionistas, daqueles que lutaram pelo bem do outro, entretanto os mesmos vícios perpetuam-se, raramente alguém, que não possua Aristos consegue pertencer ao grupo dono dos meios de produção.

SPINOZA, 2016, afirma que o desejo é produtor, sempre, é o atualizador da realidade. Atualização de forma ativa ou de modo passivo, os embates políticos travados durante a campanha presidencial trouxeram à tona diversos pensamentos que estavam nos porões das memórias de pessoas vis. Religiosos que propagaram, por vezes, informações inverídicas a respeito do candidato da oposição à época, criando factoides, em prol “do bem comum”, mais uma vez a ética cristã passou longe.



Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes. (Reis, 2019).

Nota-se a ligação entre a ação do personagem Zaratustra (NIETZSCHE, 2011) que observara o problema de uma pequena política, pois, em certo momento de sua jornada ao chegar em terra firme, avistou uma fileira de casas, muito pequenas, e estranha o fato do seu formato, concluindo que não havia como habitá-las sem ter que se abaixar e se esgueirar. Grandes homens não conseguiriam entrar nelas sem se manterem curvados constantemente. Eram casas feitas para homens pequenos, mas habitadas por homens grandes que aprenderam a conviver com o desagradável hábito de se agacharem sempre, a protagonista do conto analisado agiu contrariamente aos homens grandes da obra *nietscheziãna*, não se curvou diante das consequências iminentes em prol da vida de terceiros.

É interessante a seguinte afirmação de Firmina através de sua protagonista no conto A escrava: “Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco”. Os políticos têm toda sorte de regalias, bem como os magistrados, enquanto que as classes trabalhadoras lutam diuturnamente pela sobrevivência, é preciso mais oportunidades para os jovens negros e pardos, te já que eles serão responsáveis pelo o sucesso ou fracasso das próximas gerações, pois segundo NIETZSCHE, 2005 faz-se necessário um atravessamento de uma força capaz de transmutar toda reatividade em mim em potência criadora de mais potência. No entanto, é preciso reconhecer que, por muitas vezes, há um vício de percepção, a tendência, a limitação ao buscar na história harmonia sem conflito, paraísos eternos, um mundo estéril sem espaços para pulsações e forças, uma não aceitação do diverso desarmonioso, um resquício de uma produção de si imposta pela moral cristã. (FOUCAULT, 2010)

Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo!... (Reis, 2019).

Mais que uma realidade retratada nessa afirmação anterior, pois estados, países, continentes, hemisférios, planeta, dando maior ou menor importância às organizações internacionais dentro de uma estrutura escravocrata os descendentes dos homens e mulheres



escravizados tiveram que lutar muito mais para mudar suas próprias realidades e dos seus descendentes. Isto pelo fato de que tal conjunto de pensamento tornar-se incapaz de produzir teses fora da pequena política, sendo na verdade, uma reprodutora deste formato político através da disseminação de verdades, discursos, narrativas, visões de mundo que validam e reforçam tal formação (FOUCAULT, 2003), o ser do buraco só enxerga muros e tetos, assim eram os escravocratas.

Eram casados e, desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente a minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício. (Reis, 2019).

Essa cena descrita acima parece uma história de uma família pós-moderna, todavia faz parte do conto pesquisado, por isso torna-se urgente rever as relações sociais, as relações do homem com a natureza, as relações do homem consigo mesmo. Em um mundo cada vez mais plural, numa sociedade cada vez mais dinâmica e numa existência onde o sujeito torna-se cada vez mais heterogêneo, a noção de saber sustentada pela modernidade já não dá conta de responder às inquietações impostas neste milênio. É hora de o homem trabalhar para viver e não o contrário.

Nunca a meu pai passou pela ideia que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando. (Reis, 2019).

O analfabetismo ainda é considerável no Brasil, e se for levado em consideração à falta de habilidade de interpretação os números só pioram. O conhecimento liberta, e isso não é apenas frase de efeito, pois se assim o fosse às classes dominantes não fariam de tudo para restringirem o acesso à educação de maneira plena. Não precisamos de morais controladoras, precisamos de uma ética (FOUCAULT, 2010) que faça atravessar as forças interessantes em nós.

À hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a



voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. (Reis, 2019).

Conforme (DELEUZE, 2005) o vínculo entre o homem e o mundo, pela produção de uma megamáquina, se encontra desencontrado. Esse desencontro tem sido promovido, por vezes, por aqueles que acumulam riquezas incontáveis, de forma desonesta, oprimindo o outro, sugando os recursos naturais, o bem estar da sociedade já não existe mais, já o que importa para eles é o poder pelo poder, tornaram-se insensíveis à dor alheia.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam do feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra e terrível, que me interpelara algumas horas antes, acerca da infeliz foragida; e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros que, como ele, pararam à porta. (Reis, 2019).

A ajuda de negros escravizados na busca de seus pares fugidos possibilitou a permanência da estrutura escravagista, assim como a luta de brancos abolicionistas ajudou a extirpar do mundo esse mal. Por isso o inesperado não se resume a um movimento passivo de aceitar o acaso, mas sim de criar com todo o acaso, pois há linhas nele que, se tomadas, como o fazia o pequeno príncipe (SAINT-EXUPÉRY, 2017), que, ao se permitir ser arrastado por linhas de fuga, abre-se para possibilidades impossíveis de surgirem enquanto fechado em seu pequeno mundo.

— Sei que esta negra está morta, – exclamou ele, – e o filho acha-se aqui; tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou olhando fixamente para o cadáver – esta negra era alguma coisa monomaniaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, o meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora, este negro! – designava o pobre Gabriel, – com este negro a coisa muda de figura; minha querida senhora, este negro está fugido; espero, me entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo. (Reis, 2019).

Muitas vezes a morte de terceiros já não comove a sociedade, infelizmente são tratadas como números, quantidade de mortos em confrontos com policiais, brigas entre facções, mortes no trânsito, das mais variadas doenças, os governos, as igrejas não se preocupam de fato com as vítimas de tragédias anunciadas. Uma situação emblemática que ficará marcada na história de



nossa nação é como o ex-presidente da república tratava os doentes e mortos brasileiros atingidos pela COVID- 19.

A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo contra seu senhor; hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos: Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano – haja ou não a aprovação do seu senhor (Reis, 2019).

O discurso do escravocrata expresso nas últimas linhas do conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis representa a insatisfação dos poderosos diante da perda de poderes obscuros, mas legitimados pelo Estado e pela Igreja. Segundo (ARENT, 1968) De todas as liberdades específicas que podem ocorrer em nossas mentes quando ouvimos a palavra “liberdade”, a liberdade de movimento é historicamente a mais antiga e também a mais elementar. Portanto a liberdade deve ser defendida em qualquer lugar da sociedade, assim como a Maria Firmina defendera em seus escritos.

## **REFERÊNCIAS**

- Arendt Hannah, **Homens em tempos sóbrios**, Companhia das letras, São Paulo, 1968.
- Barros Filho, Clóvis de, 1965- **A filosofia explica grandes questões da humanidade** / Clóvis de Barros Filho & Júlio Pompeu. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Editora SchwarczCompanhia das Letras, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, Ed 34, 2011a.
- DE SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Editora Melhoramentos, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- GALLO, Silvio. **Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1997.



**PhD Scientific Review**

**ISSN 2676 – 0444**

---

HOBBS, Thomas. **Leviatã**: matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. LeBooks Editora, 2019.

HOBBS, Eric John; LAINS, Carlos; DE ALMEIDA, José Soares. **A questão do nacionalismo**: nações e nacionalismo desde 1780, programa, mito, realidade. 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-Modernidade** – 11ª edição. Tradução Thomas Tadeu da Silva – Guacira Lopes Louro. DP&A Editora. Rio de Janeiro-RJ, 2006

HOFFMANN, Christian. **O desejo de servidão voluntária e a violência**: O corpo do poder, o corpo social e o corpo do gozo. Estudos de Psicanálise, n. 38, p. 45-51, 2012.

<https://ibge.gov.br/explica/desemprego.php> Acesso em 02 de Novembro de 2023 às 10:15

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Editora Companhia das Letras, 2011.

Reis, Maria Firmina dos, 1825-1917. **Úrsula e outras obras** [recurso eletrônico] / Maria Firmina dos Reis; prefácios de Ana Maria Haddad Baptista e Danglei de Castro Pereira. – 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. (Série prazer de ler; n. 11 e-book)

SPINOZA, Baruch. **Ética**. 3 ed. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2016.

[Ranavalona I: a implacável rainha de Madagascar que decapitou seu amante \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/historia/imprescindivel/ranavalona-i-a-implacavel-rainha-de-madagascar-que-decapitou-seu-amante/) Acesso em 27 de Outubro de 2023 às 21:10

<https://lucidarium.com.br/sociedades-matriarcais-poder-feminino-historia/> Acesso em 27 de Outubro de 2023 às 21:40

<https://brasilecola.uol.com.br/historia/hatshepsut.htm> Acesso em 01 de Novembro de 2023 às 21:10